

No Banquete com Babette

Rodrigo da Costa Araújo - rodricoara@uol.com.br



imagem: cena do filme "O Banquete de Babette"

Para Bel, uma transgressora Babete pós-moderna,

Para Profª Roseli Gimenes, que me inspirou

Para Martha Aded que ama este filme

Introdução

A *Festa de Babette* (1987), filme de Gabriel Axel, parece ser do tamanho do mundo (se isso pode ser pensando) quando instaura crises, reflexões, devaneios em tempos de pós-modernidade. Uma poética que instiga diálogo com vários textos. O filme, que tem como pano de fundo o final do século XIX e se passa num vilarejo na Dinamarca, também aponta repressões ocorridas em Paris.

Nossa leitura terá apoio nessa narrativa para falar ou propor reflexões que permitam a transgressão, inclusive a do pensamento, coisas do "tamanho do mundo" e também no conceito de intertextualidade proposto por Julia Kristeva. Portanto, não será novidade a interrelação do filme com o tema "o tamanho do mundo" porque, na formação de um outro texto, no caso desse curto ensaio, como aponta a estudiosa francesa, há um movimento simultâneo de absorção e modificação como registrado na epígrafe acima. E, nesse caso, é o deslocamento que norteará os diálogos.

O filme explora uma fotografia gélida e sombria, retrata a vida com delicadeza dos signos, materializando, assim, o clima que norteia a pacata aldeia afastada da civilização e cujos princípios se refugiam no louvor a Deus e nos preceitos religiosos.

As personagens e Destino

Numa grande tempestade, em 1871, Babette chega ao vilarejo da Dinamarca fugida da guerra que assombra a França para se hospedar na casa das religiosas Matina e Philippa, filhas do falecido pastor e mentor religioso do lugarejo.

Sob a égide do rigoroso pastor luterano, as irmãs conduzem a vida sob uma rotina religiosa, sacrificando paixões e desejos em nome da fé e das obrigações. Tinham o compromisso de manter vivos os ensinamentos do pai entre habitantes do pequeno lugarejo.

Com a chegada de Babette, uma misteriosa refugiada da guerra civil da França, a vida para as irmãs e seu pequeno povoado começa a sofrer transformações significativas. Após viver quatorze anos como criada e cozinheira das irmãs, Babette vive limitada e esquecida na rotina que não exigia da vida transgressões fundamentais.

Até que um dia, Babette é informada que ganhou um prêmio elevado na loteria e, ao invés de retornar a França, pede permissão para preparar um jantar em comemoração ao centésimo aniversário de morte do pastor. Começa então, nesse momento, reflexões que enovelam em uma teia de explosões visuais intermitentes que contagia os signos em cadeia erotizante de devoração (ou degustação?), suspendendo os sentidos, violando as leis e a lógica vigentes na desolada comunidade da costa da Dinamarca, para se fazer apenas transgressão.

Comer e Beber com Babette

Os religiosos do vilarejo, temendo ferir alguma lei divina ao aceitar um jantar francês, demonstram receio e insegurança. Afinal, todos estariam diante de uma festa que instiga os prazeres terrenos e da gula.

Através de signos gustativos, o filme explora semiologicamente, com extrema beleza, o pecado da gula e várias formas do desejo: a avidez do corpo que “devora”, o prazer narcísico da suculência, o desejo do paladar, o desejo de ousar. O pecado da gula arrasta outros, todos eles mortais, tais como o orgulho e a inveja.

Assim, o filme, através de fortes imagens, confirma que a alimentação não pertence apenas ao registro da necessidade humana, mas também aos do imaginário e do simbólico (cultural). Enfim, participar da Festa de Babette, é também, como Adão e Eva, comer a maçã, o fruto do pecado.

O Jantar e a Mesa Posta

Bastante legíveis, mesmo num primeiro contato com o filme, são as reflexões de cunho crítico-social das diversas situações nele apresentadas através da “festa” – momento de “encontro” entre os moradores do lugarejo, onde diversos sentimentos, regras e condutas são expostos.

Dentro do instaurado clima de “comemoração”, são abaladas, com extrema delicadeza e silêncio, as proibições religiosas, os limites do pensamento, a hipocrisia humana, a abundância, o fenômeno carnal e o fenômeno espiritual.

Aos poucos, Babette e seus dotes culinários invadem a limentação insípida da rotina dos habitantes. Enfim, o filme explora sensivelmente as metáforas visuais e gustativas através da alimentação.

A mesa bem posta e com um toalha branca expõem o requinte e o bom gosto. Objetos atraem nossa atenção: o guardanapo, os castiçais de prata, os pratos de porcelana, os talheres e bandejas em prata, os copos e taças de cristal, o vinho da melhor qualidade.

Semiologicamente, todas as imagens reforçam a beleza, a maestria com que é preparado o jantar, que sutilmente vai conquistando o paladar de todos os convidados e seduzindo o espectador. A câmara persegue a eloquência dos detalhes, a composição de um ritual de dar água na boca, ao mesmo tempo em que desinibe o tom espiritual dos personagens.

A libido oral é confirmada pelos sinais gestuais que confirmam, no vinho degustado com prazer e encanto e identificado pelo general Lorenzo, o símbolo de requinte.

Neste momento do filme, percebem-se várias diferenças culturais e situações de poder.

O Banquete

O jantar, aqui enumerado, é tal como chegavam à mesa os pratos preferidos da cozinha francesa internacional. Isso pode ser percebido no esplendor com que os animais são apresentados, ou na paciência e requinte de Babette para tentar reconstitui-los em seu estado natural.

Ao banquete associam-se, muitas vezes, os vinhos e os frutos. As cenas que recortam esse dois elementos reforçam os símbolos da gulodice e do descontrole. O esforço por isolar e identificar cada personagem participante do jantar encontra por parte do filme o reforço dessa idéia. Assim, essa dialética por cruzamentos e desencontros de personagens, tem papel relevante na instalação do clima tenso e ao mesmo tempo tranqüilo da narrativa.

Todo o filme não passa da narração dos esforços do homem para escapar, até o final, de “certos pecados” que o rodeia. Alegorias da hipocrisia religiosa, as cenas instauram crises e estranhamentos. Quanto a isso o espectador não deve esquecer as minuciosas descrições da vida íntima de cada casal após as cenas do saboroso jantar.

Com toda certeza, as descrições do “mundo limitado” de cada casal não constitui apenas um contraponto à sublimidade do pomposo jantar oferecido por Babette, mas funciona, em termos recepcionais, como uma estratégia para instaurar situações desestruturantes, efervescências de sentidos plurais.

As cenas do banquete sugerem de alguma forma a promessa semiótica de que tudo ali servido é extremamente saboroso e organizado com extremo desejo do ato de cozinhar. A sensação que se tem é que o filme não se contenta com o prazer de comer, mas também com o prazer de olhar, que mobiliza também a inteligência do simbólico e as alegorias da “fome” espiritual. As cenas falam antes da riqueza dos detalhes da festa, da abundância e da perfeição das coisas, daquilo que é dado a ver: a preparação minuciosa dos alimentos, a fantasia do requinte e das guloseimas. Em suma, só podemos compreender verdadeiramente o banquete inserido na rede semiológica destes acontecimentos.

Alinhavando o Fio, Encerrando a Festa

Em *A Festa de Babette*, a câmera foca, muitas vezes, do objeto aquilo que o olho, por mais que observe, não consegue captar. As cenas, os discursos, a arrumação detalhada dos objetos, a escolha adequada, o jogo de olhares, o sabor – tudo foge, e no entanto, tudo está ali para ser saboreado ou visto.

Assim também parece ser o tema que instigou este ensaio - “do tamanho do mundo”: por mais que se busquem as pistas que nortearão nossas leituras e, conseqüentemente nossos olhares, outras direções se revelarão, a outros, como caminhos possíveis, e talvez até mais instigantes.

De qualquer forma, a paixão e a proximidade de envolvimento no filme em questão, nos deixam com os olhos embriagados (ou do tamanho do mundo?).

Nessa incursão pelo filme, não há como passar despercebido o carinho, a realização, o desejo de viver, o jogo do dissimulado e do sensível, do deslumbre da cozinha internacional e da pobreza dos moradores.

A ambigüidade dúbia e perturbadora de Babette – mas permeada de sedução – do ato de cozinhar ao ato de saborear, como um ritual harmônico e transgressor, compõem as cenas da devoração semiológica.

Para o espectador, com olhos e paladar atentos, fica sempre a sugestão que a regra é o abuso, a exceção é a fruição. O filme, como o texto barthesiano, “é isto: o valor passado ao grau suntuoso de significante”. (BARTHES,1977, p. 85)

A Festa de Babette é isso - “ do tamanho do mundo” – instiga, esconde, revela mais, muito mais que nossos pobres olhos não conseguem perceber (ou saborear?). Na linguagem barthesiana seria “ o texto de gozo - deve estar do lado de uma certa ilegibilidade. Deve abalar-nos, não só em nosso registro de imagens e de imaginação, mas ao nível da própria língua”. (BARTHES, 1995, p.231).

As palavras (para expressar este filme) “não são mais concebidas como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa”. (BARTHES, 2004, p.21).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. J.Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1977. (Coleção Elos).
- _____. *Aula*. Trad. e Posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo. Cultrix, 2004.
- _____. *O Grão da Voz*. Trad. Anamaria Skinner, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1995.
- BRITO, João Batista de. *Imagens Amadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz São Paulo: Perspectiva, 1974.
- TOUSSAINT, Bernard. *Introdução à Semiologia*. Lisboa, Europa-América, s/d.
- TRANCOSO, Alfeu et al. *Os sete pecados capitais*. Belo Horizonte: Autêntica: PUC Minas, 2001.

FILMOGRAFIA:

A Festa de Babete. Filme de Gabriel Axel, 1987. Playarte. São Paulo.

Rodrigo da Costa Araújo

Professor de Literatura Brasileira, da FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé e Mestrando em Ciência da Arte pela UFF.

rodricoara@uol.com.br